

**OUTRO POSSÍVEL RETRATO:  
ENTREVISTA COM TERESA CRISTINA MONTERO FERREIRA,  
BIÓGRAFA DE CLARICE LISPECTOR**

*Sandro Adriano da Silva\**  
(Entrevistador)

**Clarice Lispector, cem anos de uma pergunta.**

Em 1999, Teresa Cristina Montero Ferreira publica *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*, resultado de anos de leitura apaixonada e uma pesquisa percuciente em torno dessa figura visceral chamada Clarice Lispector. Aqui, muito gentil e prontamente, Teresa nos concede a singular oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o gesto criador dessa biografia, bem como lança luz sobre “aquele ser inalcançável, ou assim vivido em sua fantasia, responsável pelo seu prazer ou sua inquietação, aquele ser cuja presença na obra é, ao mesmo tempo, total e nula, aquele ser imaginário, ficção do leitor – o escritor”, como afirma a autora na introdução de sua obra.

\* \* \*

**Sandro Adriano da Silva:** A dedicatória de seu livro é àqueles que evitam cair na “sedutora armadilha de uma vida fácil”. Quais foram os maiores desafios ao escrever uma biografia sobre Clarice Lispector?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** A pesquisa exigiu muita dedicação, perseverança e ética. Foram 6 anos de pesquisas. Reuni mais de 88 depoimentos, pesquisei documentos, li uma bibliografia extensa. Não podia deixar que as lacunas que existiam naquela época no seu itinerário biográfico fossem obstáculos intransponíveis. Foi um trabalho de escavação e para uma pesquisadora muito jovem (eu tinha 25 anos) é um desafio maior. Quando iniciei em janeiro de 1990 ainda não ingressara no mestrado, o que ocorreu em 1992. Estava começando a minha jornada, não imaginava que duraria 30 anos.

**Sandro Adriano da Silva:** Na apresentação da biografia, você se refere à ilusão que nutre o ato de escrever uma biografia. Clarice Lispector, uma pergunta, ainda?

---

\* Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (Uem) Professor Assistente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de Campo Mourão.

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** A biografia é sempre um recorte sob o ponto de vista das fontes que o biógrafo elegeu e de acordo com os arquivos disponíveis. Quando eu pesquisei entre 1990-1995 nós não tínhamos toda a correspondência disponível que temos hoje, por exemplo. O retrato é sempre parcial, o título do livro da Olga Borelli, *Esboço para um possível retrato*, define bem.

**Sandro Adriano da Silva:** Sua biografia de Clarice Lispector tem um estilo quase literário, o que garante a ela uma dicção narrativa muito próxima da ficção. Poderia falar um pouco sobre essa escolha e seus efeitos de sentido?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Queria que o leitor acompanhasse a biografia de uma forma prazerosa. Ela tem essa dicção próxima da ficção, mas é rigorosa no uso das fontes. Tudo está documentado. Infelizmente, as notas que aparecem na dissertação não foram reproduzidas no livro, por questões econômicas definidas pela editora. Na nova edição que estou preparando para 2021 pretendo reparar isso. O leitor poderá entender como foi o percurso da pesquisadora.

**Sandro Adriano da Silva:** Quando você escreveu *Eu sou uma pergunta*, contávamos com as biografias *Clarice, uma vida que se conta*, de Nádia Battella Gotlib e *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, que, como sabemos, é mais um “depoimento seguido de acareação”, de Olga Borelli. Só uma década depois Benjamin Moser lançaria *Clarice, uma biografia*. O que você destacaria de diferente entre elas?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Olga Borelli monta um retrato a partir de sua vivência com Clarice. Usa trechos, cartas e fotos. Tem um caráter mais subjetivo, pessoal. O trabalho da professora Nádia Gotlib é uma biografia literária. Seu trabalho inaugurou a biografia de Clarice Lispector no Brasil. Ela costurou a pesquisa sobre o itinerário biográfico à uma análise da obra. Nós já tínhamos um esboço dessa biografia, de uma forma sucinta, no livro de Benjamin Abdalla e Samira Campedelli na publicação da Abril Cultural, em 1981: *Clarice Lispector*. Foi a primeira publicação com esse intuito. Eu mesma comecei a minha pesquisa tomando como referência o itinerário traçado no livro do professor Abdala e da professora Samira. Em seguida, consegui mais informações pesquisando no arquivo de Clarice no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, na Fundação Casa de Rui Barbosa; depois obtive o depoimento do Renard Perez (que publicou um perfil de Clarice nos anos 60 que se tornou uma referência importante). Só conheci a biografia da professora Nádia em 1994 (foi sua tese de livre-docência na USP em 1993; tive acesso). Seu trabalho sistematizou um material que

ainda estava disperso e isso foi muito importante. Quando ela fez a fotobiografia ela expandiu o itinerário de Clarice através das imagens, que também estava disperso em publicações como revistas, jornais e catálogos de exposições como a do CCBB, em 1992, quando apresentaram pela primeira vez ao público uma quantidade expressiva de imagens da escritora. Eu participei da pesquisa dessa exposição com a Lícia Manzo, uma das idealizadoras do evento “A paixão segundo Clarice”. A fotobiografia também avançou em alguns episódios da biografia, e a essa altura também pôde se valer de um extenso material inédito que eu publicara no “Eu sou uma pergunta”. Veja que isso é o caminho da pesquisa. Uma biografia vai expandindo o material da outra. É um trabalho de escavação e de entrelaçamento de pesquisas.

*Eu sou uma pergunta*, publicada em 1999, deu um passo adiante (como é natural, isso ocorre a cada trabalho publicado) por escavar aspectos biográficos desconhecidos que somaram na composição de seu retrato: o ano de sua chegada ao Brasil, as relações familiares com seus parentes da família Krimgold e Rabin, seu processo de naturalização, o itinerário da vida diplomática de Maury Gurgel Valente, além dos depoimentos de amigos. A minha biografia buscou sobretudo trazer esses aspectos factuais dialogando com o cenário político, social, cultural e histórico.

A biografia de Benjamin Moser foi construída para um público estrangeiro, mas repercutiu também no Brasil. Apresenta uma escritora universal fortemente marcada por suas origens judaicas (não esqueçamos que o biógrafo tem origens judaicas). Seu fio condutor se entrelaça ao contexto histórico. Ele aprofunda alguns aspectos pesquisados nas biografias anteriores, particularmente na fase da Ucrânia, pois o seu foco são as origens judaicas. Seu trabalho é divulgado especialmente por um grupo inserido em redes de mídia norte-americanas, particularmente no New York Times. Essa nova imagem clariceana parece provocar empatia nos novos leitores pela forma como é apresentada, com essas características. É uma internacionalização mais descolada do âmbito acadêmico que procura uma identidade clariceana universal, porém marcada pelas origens judaicas, o que parece ser um fator de atração para o leitor estrangeiro e norte americano. É uma pena que essa bem sucedida internacionalização esteja arranhada pelo método de pesquisa do biógrafo, que não aderiu, em alguns momentos, ao postulado básico de compromisso com a verdade histórica dos documentos. (vide o episódio da origem da enfermidade da mãe de Clarice que estrutura a narrativa biográfica em vários aspectos). Isto abriu margem para questionamentos de natureza ética por parte do meio acadêmico brasileiro. A fragilidade dos argumentos para validar esse episódio não teve por parte do biógrafo o mesmo peso do depoimento da professora Claire Varin (citado na

biografia dele em uma nota de rodapé). Ela confirma a violência sofrida pela mãe de Clarice respaldada em um depoimento de Olga Borelli. Na biografia, Moser não identificou quem teria relatado isso à pesquisadora canadense. Recentemente li em uma entrevista de Varin (publicada faz tempo) essa revelação.

**Sandro Adriano da Silva:** Você pontua que a “leitora” influenciou a biógrafa. Como você avalia essa relação entre biografada e biógrafa?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** A leitora usou a paixão pela obra para fazer o melhor. Um trabalho exaustivo, de escavação. Nenhuma fonte foi ignorada, nenhum depoimento. É o respeito por estar lidando com uma vida, a responsabilidade de compor uma biografia sabendo que não só a vida da biografada se revela, mas também a daqueles que conviveram com ela. Quanto às outras biografias só eles poderão responder.

**Sandro Adriano da Silva:** Entre os pontos em comum às biografias de Clarice Lispector, um em particular parece incontornável: a relação entre o rastro biográfico e a obra ficcional. Poderia comentar um pouco sobre isso e sobre como Clarice, em diferentes momentos, nega esses rastros?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Rastros biográficos seriam basicamente as crônicas do *Jornal do Brasil*. Isso é evidente. Clarice pode ficcionalizar algumas passagens de sua vida, mas ao cotejarmos com as entrevistas e depoimentos constatamos o quanto isso é fato. Nos romances e contos não se vê tantos rastros, há pedaços que sugerem aspectos de sua biografia como a construção de Macabeia em *A hora da estrela*, por exemplo.

**Sandro Adriano da Silva:** Em geral, as biografias de Clarice Lispector são bastante econômicas em relação ao olhar dos filhos sobre a mãe e do marido sobre a mulher. Como você vê isso?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** É uma maneira de se colocar sobre a mãe. O marido nunca concedeu depoimento, eu mesma tentei, mas na época, início dos anos 90, ele tinha sofrido um derrame e estava impossibilitado de falar. O filho caçula concedeu um depoimento para o Eu sou uma pergunta. Creio que ele falou o essencial, é uma característica de sua personalidade. Há familiares que falam mais.

**Sandro Adriano da Silva:** Se a morte foi um tema presente ao longo da obra de Clarice Lispector, também é verdade que, nos últimos textos, a morte vai assumindo nuances importantes, sobretudo na dimensão da própria linguagem. Como você visualiza essas questões em relação ao elemento biográfico?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Morte e vida estão interligadas. À medida que a mulher foi vivendo, suas reflexões sobre a morte se tornaram mais presentes. Quem se interrogou tanto como Clarice Lispector não poderia trilhar um caminho que não fosse este.

**Sandro Adriano da Silva:** Dos gêneros literários transitados por Clarice, em qual você acredita que seja possível mais claramente vislumbrar a mulher Clarice Lispector?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Todos. Em cada registro ela deixa a sua marca. Suas inquietações, opiniões, perplexidades. Nos romances o percurso é mais metafórico, sua sintaxe sofisticada e original não entrega de bandeja as suas reflexões. No conto ela é mais pontual, tem uma concentração no discurso que deixa mais evidente (mas não óbvio) o que reflete. Nas crônicas, mesmo não sendo exatamente o que chamamos de uma crônica clássica, ela usa um tom mais explícito e facilita esse entendimento.

**Sandro Adriano da Silva:** Há algumas menções mais indiretas sobre os possíveis poemas escritos por Clarice Lispector (Manuel Bandeira, por exemplo, registra isso em carta a ela). Você teve acesso a esse material?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Clarice publicou uns dois poemas na imprensa. Um deles lembro de ter lido pela primeira vez no ensaio da Claire Varin (*Línguas de Fogo*, Ed. Lumiar – tradução de Lucia Peixoto Cherem). O outro não me recordo agora, mas o li em um desses jornais onde ela colaborava eventualmente. Se um desses ela mostrou ao grande Manuel Bandeira não sei.

**Sandro Adriano da Silva:** De algumas décadas para cá, a obra de Clarice Lispector tem sido interpretada à luz dos estudos feministas. Você registra que Clarice “dizia ter se separado do marido porque queria ser escritora”. Como você concebe essa possibilidade de acercamento da literatura clariceana e em que medida Clarice foi (ou não) uma feminista?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Sobre os estudos feministas, nos anos 80 e 90 houve um boom clariceano a reboque dos estudos de gênero. Majoritariamente professoras fizeram teses, publicaram artigos, e Hélène Cixous assumiu uma liderança nesse campo por seu vínculo com o movimento feminista e com as *Editions Des Femmes*. Mas para isso acontecer brasileiras cavaram espaços nesse território: a jornalista brasileira Clélia Pisa, reconhecida e

respeitada no meio intelectual francês intermediou a tradução de *A paixão segundo G.H.* para a *Des Femmes* a apresentando à Antoinette Fouque. Outra brasileira, Regina Helena Machado de Oliveira estudava em Paris e traduzia *Água Viva* quando a apresentou à sua professora, Hélène Cixous. A partir disso, esta passou a divulgar a obra de Clarice na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos em seminários e cursos, e fomentou o projeto de tradução pela *Des Femmes* que solidificou a recepção de Clarice na Europa. A partir dos anos 80 duas brasileiras que fixaram residência nos Estados Unidos têm um papel preponderante nessa rede de divulgação e reconhecimento: as professoras Maria José Somelarte Barbosa e Marta Peixoto.

A obra de Clarice Lispector não tinha como ficar de fora desses estudos. Não podemos esquecer que entre os anos 40 e 70 poucas mulheres publicavam, Clarice Lispector era uma delas. Somente nos anos 80 o mercado editorial reconheceu que não se podia mais ignorar as mulheres escritoras (e as mulheres em diferentes áreas do conhecimento). Clarice não foi uma feminista de carteirinha. Ela sempre teve consciência do lugar da mulher na sociedade brasileira, desde os primeiros contos ela aborda como as mulheres se sentiam limitadas diante de determinados comportamentos cerceadores por parte da maioria dos homens. Como estudante na faculdade de Direito escreveu o artigo “Deve a mulher trabalhar?” (publicado em *Outros escritos* [Rocco, 2005 - org. Licia Manzo e Teresa Montero]) no qual fica claro o lugar da mulher moderna em uma sociedade patriarcal. Nas páginas femininas isso também é evidente (cf. *Correio Feminino* e *Só para mulheres*, ambos organizados por Aparecida Nunes e editados pela Rocco). Sua carta-bilhete para Lygia Fagundes Telles publicada agora em *Todas as cartas* (2020) pela Rocco, mostra como ela e suas colegas de ofício ultrapassaram muitos obstáculos: “Dinah Silveira de Queiroz deu um lugar ao sol às escritoras brasileiras”, escreveu Clarice no bilhete.

**Sandro Adriano da Silva:** Em um dado momento da biografia você afirma que Clarice Lispector deixou de escrever textos mais contundentes no cenário do regime militar. Como você vê a atuação de Clarice Lispector naquele momento da história?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Posicionou-se publicamente sem ser panfletária. Em crônicas, como a carta de Fernanda Montenegro, que publicou em sua coluna no *Jornal do Brasil*. Fazendo um *post scriptum* em uma crônica demonstrando sua solidariedade com os estudantes no Brasil, na ocasião do assassinato do estudante Edson Luis no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. Participando de passeatas: a do Palácio Guanabara, com inúmeros intelectuais, para falar com o governador Negrão de Lima, e a histórica Passeata dos Cem Mil, um desdobramento desse encontro com o governador. E segundo depoimentos de

amigos, como o da artista plástica Maria Bonomi, sua comadre, ajudando pessoas de forma privada junto com outros amigos.

**Sandro Adriano da Silva:** Você teve acesso às pinturas de Clarice? O que poderia comentar sobre elas?

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Os quadros de Clarice são uma pausa no cotidiano, creio que usar outra linguagem artística sem compromisso pode ter lhe aberto outros canais de comunicação consigo mesma. Tanto que ela evoca alguns desses trabalhos em livros como *Água Viva* e *Um sopro de vida*. Sua ligação com as artes plásticas era muito forte. *Água Viva* é uma pintora escrevendo. Escrevi um ensaio que toca em alguns aspectos desse tema na edição especial de *Água Viva* publicada pela Rocco, em 2019, organizada por Pedro Karp Vasques. O título é *Água Viva: antilivro, gravura ou show encantado*.

**Sandro Adriano da Silva:** Você foi responsável pela publicação das correspondências de Clarice Lispector. Comente um pouco sobre esse trabalho e como ele revela algumas facetas da personalidade de Clarice.

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Há um entendimento de sua trajetória biográfica de uma forma muito peculiar porque é via documento privado, mais espontâneo e registra o calor do momento. Fatos da vida privada se cruzam com a vida literária e trazem outra perspectiva sobre a obra. Como entender uma escritora como Clarice Lispector inserida num contexto entre os anos 40 e 70? A correspondência coloca essas particularidades, é uma mulher que escreve, uma mulher que circula num determinado meio social, partilha experiências com escritores de várias gerações, e sofre e reage aos fatos que vão se delineando ao longo do tempo. Da crise de angústia que paralisa o trabalho às transformações de natureza privada no casamento. De todo modo se vê a escritora sob um ângulo privilegiado, na sua intimidade e em muitas vezes abordando questões que não o faria na ficção e em entrevistas.

**Sandro Adriano da Silva:** *Que pergunta você gostaria de fazer diretamente à Clarice?*

**Teresa Cristina Montero Ferreira:** Como é viver no Leme?

*Recebido em: 18/10/2020.*

*Aprovado em: 25/11/2020.*